

# A investigação biográfica como redescoberta do jornalismo brasileiro

## Biographical investigation as a rediscovery of Brazilian journalism

Felipe Adam<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho é uma contribuição parcial da dissertação do autor desenvolvida junto ao Mestrado em Jornalismo na UEPG. O objetivo foi caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de profissionais da imprensa publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias. Na leitura dos oito livros selecionados, observaram-se três elementos que puderam contribuir na redescoberta do campo: ambiente jornalístico, espaços de pertencimento e legado do biografado.

**Palavras-Chave:** Processos jornalísticos. História do jornalismo brasileiro. Biografias jornalísticas. Editoras universitárias.

**Abstract:** This work is a partial contribution of the author's dissertation developed with the Master in Journalism at UEPG. The objective was to characterize the history of Brazilian journalism through the biographies of press professionals published from 1998 to 2018 in university publishers. In the reading of the eight selected books, three elements were observed that could contribute to the rediscovery of the field: journalistic environment, spaces of belonging and legacy of the biographer.

**Keywords:** Journalistic processes. History of Brazilian journalism. Journalistic biographies. University Publishers.

.....

### 1 Introdução

O presente trabalho é uma contribuição parcial da dissertação do autor desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O problema que norteou a discussão dessa pesquisa, refletida nas páginas deste artigo, foi como os livros biográficos resultados de investigações jornalísticas a respeito

---

<sup>1</sup> Jornalista e doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: [felipeadam91@gmail.com](mailto:felipeadam91@gmail.com). Instagram: @felipeadam91.

de profissionais da imprensa e publicados em editoras universitárias ajudam a contar a história do jornalismo brasileiro. Assim, o objetivo deste texto é caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias. Para isso, foram levadas em conta as 123 editoras vinculadas à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) no ano de 2018.

O período de coleta ocorreu em três momentos: nos dias 30 de setembro, 1º e 2 de outubro de 2018. Segundo Lakatos e Marconi (2011, p. 334), esse momento é importante, pois “[...] é a fase da pesquisa que se ocupa de reunir as informações necessárias aos objetivos da investigação e aos problemas que o pesquisador objetiva resolver”.

Do universo de 29 narrativas biográficas encontradas no período, constatou-se que quase metade (14 ou 48,27% do total de livros) abordam vidas de integrantes da imprensa. Ou seja, no âmbito universitário, jornalistas priorizam falar de si. Com o intuito de encontrar relatos que possam auxiliar na construção da história do jornalismo brasileiro, oito obras foram escolhidas para integrar a amostra, baseada em uma leitura com abordagem qualitativa. Lakatos e Marconi (2011, p. 269) esclarecem que o método qualitativo se preocupa em “[...] interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.”.

Em virtude da exposição midiática no espaço biográfico (ARFUCH, 2010), a tendência é as pessoas se interessarem cada vez mais em histórias de vida, sejam elas de personagens com ideologia da esquerda ou direita, religiosos ou ateus, homens ou mulheres, famosos ou desconhecidos. O gênero biográfico, embora seja fonte de estudos nas mais diversas áreas, auxilia na compreensão de épocas; no caso do jornalismo, ajuda na recuperação e consolidação da própria história.

Das 14 obras encontradas no levantamento, oito foram selecionadas a fim de oferecer um mosaico das atuações dos profissionais de imprensa. A começar, as biografias *Com Clarice e Machado de Assis: Um gênio brasileiro*, bem como *Tarso de Castro: Editor de “O Pasquim”* e *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley*. Ainda foram incluídos *Juca Kfoury: O militante da notícia* e *Tinhorão: O legendário* pela atuação de ambos em editorias

específicas do jornalismo. Por fim, *José Mendonça: A vida revelada* e *Tarquínio: Começar de novo* foram selecionados porque ambos são personagens fortemente regionais.

Com a missão de caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias resultantes de investigações jornalísticas e publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias, elegeu-se três situações que se repetem na leitura das oito obras biográficas: “ambiente jornalístico”, “espaços de pertencimento” e “legado do biografado”. Transformadas em categorias (BAUER, 2000), os três casos nos auxiliaram em uma melhor compreensão, já que iluminam o passado profissional dos escritores que colaboravam em jornais pelo século XIX e revelam nuances dos demais protagonistas ao longo do século XX. A seguir, o artigo desenvolve um traçado sobre a relação do livro com a universidade no Brasil; no tópico três, discutimos o uso das histórias de vida como compreensão social de um período e adiante, os elementos históricos observados a partir das leituras das oito biografias.

## **2 O surgimento do livro na universidade brasileira**

Como o trabalho faz alusão às obras do gênero biográficas publicadas em editoras universitárias brasileiras, julga-se necessário abordar o universo desse mercado editorial. Porém, a gênese deste tópico remete à colonização do Brasil. Diferente dos países da América espanhola, que já desfrutavam de um ensino superior desde o século XVI, o maior país em território da América Latina precisou enfrentar resistências da metrópole portuguesa. “A mesma lógica de dominação proibiu a impressão de livros na colônia, contribuindo ao atraso do Brasil em relação à renovação das letras, das artes e das ciências que a modernidade desenvolvia na Europa no mesmo período” (MARQUES NETO; ROSA, 2010, p. 336). A solução encontrada para atenuar o retrocesso foi o envio de padres jesuítas para educar – e catequizar – os nativos através das letras, grafias e números (MARQUES NETO; ROSA, 2010).

De acordo com Hallewell (2017), ainda antes de eclodir a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o ensino superior no Brasil era tímido e restrito a quem possuía verbas. Profissões consideradas nobres como médicos, advogados e engenheiros se multiplicavam somente entre os descendentes das famílias mais abastadas; isto é, o conhecimento dito

universal era limitado a poucos. E assim continuou até 1930, sem haver educação universitária aos moldes do que conhecemos hoje.

A primeira universidade do Brasil, no sentido geralmente aceito da palavra, foi a criada em São Paulo, em 1934 [...] No ano seguinte (1935), Pedro Ernesto Batista, prefeito do Rio de Janeiro, fundou a Universidade do Distrito Federal, muito semelhante à sua congênere paulista. Essas instituições recrutaram proeminentes professores estrangeiros – em sua maioria, franceses – e introduziam muitas disciplinas novas, em especial a sociologia. [...] Infelizmente, os que estavam no poder com Vargas não mostravam muito entusiasmo por qualquer desenvolvimento da educação superior. O preconceito contra qualquer inovação era suficientemente forte para confundir sociologia com socialismo. (HALLEWELL, 2017, p. 415-416).

No Brasil, duas razões que motivaram a comercialização do segmento de livros didáticos se deu, primeiro, durante o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), campanha governamental de alfabetização de adultos realizado a partir de 1968 (HALLEWELL, 2017), programa este que propiciou a impressão de livros básicos pelas editoras José Olympio e Abril. No segundo aspecto, com a expansão do Instituto Nacional do Livro (INL) durante o governo Médici – originalmente criado em 1937 – o setor do livro didático foi ampliado por meio da entidade cujo objetivo era concentrar esforços em três ramificações: “[...] ampliar e atualizar as bibliotecas públicas do país, reeditar obras raras de importância fundamental para os estudos brasileiros e possibilitar [...] o lançamento de obras de real interesse para os mesmos estudos e cujos temas geralmente não encorajam os editores da iniciativa privada” (BUFREM, 2001, p. 54).

Conforme já mencionado, no Brasil, as primeiras editoras vinculadas às universidades nascem em 1955 e no início da década de 1960. Porém, conforme relata Bufrem (2001, p. 36), haveria um hiato no período de 1963 a 1970, momento em que “[...] não foram criadas editoras nas instituições de ensino superior brasileiras”. Na época de endurecimento do regime, as mais afetadas seriam as universidades federais, com repressão e espionagem nos campus. Os reitores, por serem nomeados, exerciam ora a função de fomentador do conhecimento ora vestiam a máscara da censura (BUFREM, 2001). Somente em 1971 é que as editoras em universidades ganhariam novamente espaço no mercado com a criação da editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Com o surgimento e desenvolvimento das editoras a partir das gráficas universitárias, nascem também falsas ideias a respeito de qual o papel de uma editora acadêmica dentro da sociedade. Por ser uma entidade pública inserida em uma indústria com múltiplas empresas dedicadas à iniciativa privada (HALLEWELL, 2017), críticos defendem que o segmento acadêmico não deva visar lucros ou que o catálogo seja repleto de livros baratos, como se o trabalho pelo conhecimento não necessitasse ser valorizado e, portanto, recompensado. Outros levantam a bandeira de que “[...] a editora universitária não deve existir, pois as editoras privadas suprem as necessidades da sociedade” (BUFREM, 2001, p. 38). Para essas acusações, Bufrem (2001, p. 43) constata que a editora universitária precisa ser vista como “[...] ‘fator de fomento à qualidade de ensino’, sendo objeto de suas preocupações ‘livros-textos, oriundos de qualquer uma de suas áreas, sem definição de prioridades’”. Ademais, ela “[...] precisa ser também um projeto político no sentido mais profundo da palavra, uma vez que tanto pode contribuir para a independência e libertação do povo, o avanço cultural e o melhor conhecimento da realidade em que vive” (BUFREM, 2001, p. 44).

Nesse intuito de conhecer o espaço onde a universidade está inserida, a editora acadêmica carrega consigo uma missão cultural a fim de resgatar e preservar a memória local a partir de dois aspectos: primeiro, de que o documento final se torne supratemporal e segundo, que a obra não priorize um grupo ou classe social (BUFREM, 2001). Por isso, a questão da memória se demonstra tão especial e delicada ao mesmo tempo pois, enquanto a obra se torna um instrumento de conservação do passado, a tendência de privilégio unilateral pode guardar perigos.

Em 1987, durante a realização do quarto seminário sediado em Goiânia (GO), foi fundada a ABEU, instituição sem fins lucrativos e que vinculava 123 editoras até o ano de 2018. “A partir dos anos de 1990, cresceu o número de editoras universitárias e também aumentaram os títulos publicados por elas: atualmente, respondem por cerca de 8% dos livros publicados no país” (HALLEWELL, 2017, p. 699-700). Uma das razões desse crescimento é a abrangência do ensino superior em todo o país, associado à crescente demanda de acadêmicos a nível de pós-graduação (HALLEWELL, 2017). É a partir desse universo de 123 editoras universitárias que se desenvolveu a dissertação de mestrado, cujos resultados são apresentados mais adiante.

### 3 As histórias de vida no âmbito das ciências sociais

O sociólogo norte-americano Howard Becker (1997) argumenta que as histórias de vida não devem ser vistas apenas como mais um dado numérico - uma sociologia quantitativa que busca nas estatísticas as respostas para os problemas urbanos -, mas sim como um atributo necessário para formular uma teoria sociológica geral, já que “[...] a história de vida [...] se interessa menos por valores artísticos do que por um relato fiel da experiência e interpretação por parte do sujeito do mundo no qual vive” (BECKER, 1997, p. 102). Cada depoimento funcionaria como um integrante de um painel plural, o que Becker (1997) denomina como um mosaico científico:

A imagem do mosaico é útil para pensarmos sobre este tipo de empreendimento científico. Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para a nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto. Nenhuma das peças tem uma função maior a cumprir; se não tivermos sua contribuição, há ainda outras maneiras para chegarmos a uma compreensão do todo. (BECKER, 1997, p. 104-105).

A analogia do mosaico reflete o que se objetiva analisar sobre os oito livros da amostra desta dissertação. Embora os personagens retratem, em sua maioria, características peculiares de uma imprensa regional, a história entrelaçada de cada esboça uma cultura global – no caso, a jornalística -, decifrada através de hábitos diários, descrições de cargos nas instituições, traços de ambientes. Assim, para se entender a história do jornalismo, as biografias de profissionais da imprensa constituem uma ferramenta importante para compor esse mosaico científico. “Se conhecermos o caso em algum detalhe, como um documento de história de vida nos permite conhecer, nossa pesquisa terá mais chances de ser bem-sucedida; é neste sentido que a história de vida é útil como pedra de toque teórica” (BECKER, 1997, p. 108).

É importante esclarecer que o próprio livro classificado enquanto gênero biográfico já serve como uma fonte de resgate histórico a respeito de uma época ou lugar. Ler a história do escritor Machado de Assis, por exemplo, não significa apenas conhecer parte da vida de Joaquim Maria Machado de Assis, mas também entender o Rio de Janeiro do século XIX e

como relacionar as características daquele local influenciaram na descrição de ambientes ou criação de personagens. Porém, ao optar por uma análise com oito obras biográficas de diversos profissionais da imprensa, pertencentes a espaços divergentes e avaliá-las como um acervo documental de histórias de vida, a presente investigação fornece um panorama – porém, não definitivo -, sobre um determinado período histórico do jornalismo. Como Becker (1997, p. 110) sugere, a “[...] história de vida, se bem-feita, nos fornecerá os detalhes deste processo cujo caráter, de outro modo, só seríamos capazes de especular”. Becker (1997, p. 111) prossegue, ao indicar que esse tipo de narrativa “[...] serve aos propósitos de verificar pressuposições, lançar luz sobre organizações e reorientar campos estagnados”.

Na apresentação de *O espaço biográfico*, Arfuch (2010, p. 15) dialoga com o leitor ao expor um dos objetivos das histórias de vida. “Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência”. A procura pelas escritas de si e as escritas do outro faz com que o sujeito possa decifrar qual o seu papel na contemporaneidade. Em sintonia com o que acontecia em várias partes do globo, muito incentivado pela onda dos micro-relatos, um dos pontos defendidos pelo movimento da Nova História, as narrativas biográficas tomaram forma e espaço na sociedade, dando prioridade às figuras anônimas. “Os ‘pequenos relatos’ narravam não só identidades e histórias locais, regionalismos, línguas vernáculas, mas também o mundo da vida, da privacidade e da afeição” (ARFUCH, 2010, p. 18).

Laços de cumplicidade são intensamente traçados entre o escritor e o leitor. Ademais, esses pactos levam à construção de um campo incerto onde uma linha tênue tenta separar o público do privado, o interno do externo, o individual e o social, o eu do nós (ARFUCH, 2010). De modo a esclarecer o passado com o objetivo de se entender o presente, o espaço biográfico – aqui compreendido como a “[...] narração de histórias e experiências, a captação de vivências e lembranças – opera, complementarmente, nesse ‘resgate’ do próprio, do local, que é um dos aspectos paradoxais da duplicidade constitutiva da globalização” (ARFUCH, 2010, p. 106). Assim, ao decidirem publicar reportagens no formato livro, jornalistas buscam

um espaço ampliado para retratar os acontecimentos. Uma narrativa jornalística impressa não-periódica que se denomina livro-reportagem (LIMA, 2009; MACIEL, 2018).

O jornalismo se baseia em histórias de pessoas, sejam elas ilustres ou anônimas. É o cerne do ofício, já que “[...] contar a história de uma vida é *dar vida a essa história*” (ARFUCH, 2010, p. 42). A construção de personagens que possam tornar a humanização das narrativas mais próxima do real torna a realidade mais palpável. Devido a isso, cabe investigar a articulação dessas vidas a acontecimentos particulares.

#### **4 Aspectos para uma leitura do jornalismo brasileiro**

Das 14 obras encontradas no levantamento, oito foram selecionadas para a amostra da dissertação, cujos resultados são divulgados neste trabalho. Como o objetivo da investigação foi caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias, optou-se por livros que pudessem oferecer um mosaico das atuações dos profissionais de imprensa e assim, contribuir com o resgate de aspectos profissionais e iluminar a história do jornalismo brasileiro. A começar, as biografias *Com Clarice* e *Machado de Assis: Um gênio brasileiro* por se tratar de dois personagens importante da literatura nacional. Embora escritores de renome, ambos colaboraram com textos para os jornais do período em que atuaram. Elegeu-se as biografias *Tarso de Castro: Editor de “O Pasquim”* e *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley* por tratar da imprensa alternativa durante a ditadura militar e da participação da mulher na imprensa do Rio Grande do Norte, respectivamente.

Ainda foram incluídos *Juca Kfoury: O militante da notícia* e *Tinhorão: O legendário* pela atuação de ambos em editorias específicas do jornalismo: Juca, que revolucionou a cobertura esportiva do país, em especial quando esteve à frente da redação de Placar e Tinhorão, pela vasta pesquisa de âmbito cultural, principalmente, a música popular brasileira. Por fim, *José Mendonça: A vida revelada* e *Tarquínio: Começar de novo* foram selecionados porque os dois são personagens fortemente regionais e, além disso, atuaram não apenas no jornalismo - Mendonça dialogou com a docência e o sindicalismo; Tarquínio, com o Direito e a política. Abaixo, a Tabela 1 com as informações sobre as obras selecionadas.



TABELA 1

Lista das biografias escolhidas com os respectivos protagonistas, biógrafos e editoras

<b>Obra</b>	<b>Biografado</b>	<b>Jornalista autor</b>	<b>Editora universitária</b>	<b>Instituição de Ensino Superior</b>	<b>Ano</b>
<i>Com Clarice</i>	Clarice Lispector	Affonso Romano de Sant'anna <sup>2</sup> e Marina Colasanti	Editora Unesp	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp)	2013
<i>José Mendonça: Uma vida revelada</i>	José Mendonça	Flávio Friche, Manoel Marcos Guimarães e Maria Auxiliadora de Faria <sup>3</sup>	Edufmg	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	2009
<i>Juca Kfourir: O militante da notícia</i>	José Carlos Amaral Kfourir	Carlos Alencar	Imesp	Imprensa Oficial de SP	2006
<i>Machado de Assis: Um gênio brasileiro</i>	Joaquim Maria Machado de Assis	Daniel Piza	Imesp	Imprensa Oficial de SP	2005
<i>Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley</i>	Palmyra Guimarães Wanderley	Isabel Cristine Machado de Carvalho	EdUnp	Universidade Potiguar (UNP)	2012
<i>Tarquínio: Começar de novo</i>	Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Filho	Rafael Motta	Leopoldianum	Universidade Católica de Santos (Unisantos)	2012
<i>Tarso de Castro:</i>	Tarso de Castro	Sônia Regina Schena Bertol	UPF Editora	Universidade de Passo Fundo	2001

<sup>2</sup> Bacharel em Letras e coautor da obra, juntamente com a esposa, a jornalista Marina Colasanti.

<sup>3</sup> Historiadora e coautora da obra com os demais dois jornalistas.

<i>Editor de O Pasquim</i>					
<i>Tinhorão: O legendário</i>	José Ramos Tinhorão	Elisabeth Lorenzotti	Imesp	Imprensa Oficial de SP	2010

FONTE – O AUTOR.

Com a missão de caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias, elegeu-se três situações que se repetem na leitura das oito obras biográficas: a) ambiente jornalístico, b) espaços de pertencimento e c) legado do biografado. Dessa forma, a pesquisa pretende lançar um novo olhar ao segmento biográfico, como fonte de pesquisa, resgate da memória profissional e instrumento para a construção da história do jornalismo no Brasil.

#### a) ambiente jornalístico:

Nesta seção, os jornalistas biógrafos aproveitam para contextualizar épocas e lugares, se utilizam de descrições e ainda inter cruzam histórias de outros jornalistas que conviveram com o biografado. Uma forma de lembrar dos personagens – às vezes, anônimos - que ajudaram a fazer a história do jornalismo local.

Ao se propor a biografar um personagem do tamanho de Machado, Piza (2005) estava ciente das dificuldades que iria enfrentar, já que a maior parte das histórias do escritor estão concentradas no século XIX. Na coleta de informações, Piza (2005) conta, revela, detalha. E para entender a aproximação do escritor com a pena jornalística, necessita-se entender as estratégias dos folhetins, publicações ficcionais baseadas no cotidiano com intuito de atrair potenciais novos leitores e futuros assinantes do jornal. “[O]s romances-folhetim eram publicados em partes, suspendendo sua ação dramática de tal forma que a solução do problema ou do enigma exigisse vários capítulos nos quais novos personagens e acontecimentos fossem surgindo” (STRELOW, 2008, p. 6-7), modelo que influenciaria, mais tarde, o surgimento das telenovelas.

Os folhetins retratavam as novidades da época. Autores como Joaquim Manuel de Macedo, que publicou *A moreninha* (1844), se tornaram notáveis ao escrever histórias, mesmo ficcionais, baseadas no cotidiano. “Os costumes mudavam, rapidamente. As crônicas

de Alencar refletem essas mudanças. [...] O folhetim espelhava os acontecimentos: inauguração das corridas de cavalo, [...] o aparecimento das máquinas de costura” (SODRÉ, 1999, p. 191). A época da imprensa no Império simbolizou a fase dos homens de letras na imprensa, teatro (SODRÉ, 1999) e o auge da multiplicação dos jornais, como bem ilustra Piza (2005) na passagem a seguir:

No final da década de 1840 é que os periódicos se multiplicavam. O *Correio Mercantil* é lançado em 1848 com sucesso imediato. [...] A seção folhetim ocupa o rodapé nas três primeiras das oito páginas. [...] A virada para a década de 1850 já traz, assim, alguns jornais mais independentes, com os embriões da crítica cultural moderna, e aos poucos alguns nomes reais aparecem no lugar dos pseudônimos. Novas técnicas de impressão possibilitam também o lançamento de periódicos em formato *standard* (até hoje o padrão no Brasil) [...]. Em 1854, mesmo ano em que Machado conhece Paula Brito, o *Correio Mercantil* investe em dois escritores em ascensão, que em breve dividiriam as luzes com Macedo: José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida. (PIZA, 2005, p. 62-63).

Nos anos 1920, o jornalismo impresso continuava a ser a plataforma de acesso dos escritores que desejavam ser reconhecidos pela literatura. Quando debutou na ficção, Palmyra Wanderley deu início à prática jornalística com a fundação de *Via Láctea*, “[...] uma revista impressa em papel tamanho ofício, de oito páginas, com duas colunas em cada uma delas. Quase não apresenta seções fixas nem obedece a uma diagramação rígida. Porém, já existe alguma preocupação com o discurso gráfico” (CARVALHO, 2012, p. 59). Na biografia de Esmeraldo Tarquínio, Motta (2012) recorre às histórias do pai, Tarquínio de Campos, para traçar uma conexão familiar. Numa época em que não havia faculdade de Jornalismo ou Comunicação Social, o patriarca trabalhou como gráfico de um jornal local – *O Progresso* -, onde se aproximou do modo de apurar, além de ter trabalhado no *Jornal da Noite*, no *Praça de Santos* e no *Diário da Manhã*.

Antes de se formar em Direito no ano de 1948, José Mendonça arrumou emprego na redação do jornal *O Diário*, um periódico de cunho católico criado pelo então bispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, e que servia como um porta-voz da Igreja junto à comunidade. “Quando *O Diário* foi lançado causou grandes surpresas, porque, a despeito de ser um veículo católico, era também, e principalmente, um jornal como os outros, que

noticiava o cotidiano da cidade, de Minas e do Brasil” (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009, p. 68).

Na década de 1950, o jornalismo brasileiro vivenciava uma onda de mudanças. Inspirado nas renovações culturais que despontavam no cinema, na música e no teatro, periódicos contribuíram na renovação do padrão estilístico. Segundo Abreu (2008), o *Última Hora*, com a aplicação de novas técnicas de comunicação; o *Diário Carioca*, que inaugurou o estilo do lead e o *Jornal do Brasil* se destacam na seara. Na biografia a respeito de Tinhorão, tem-se a noção da importância ao conhecer os bastidores do *Diário Carioca*. Embora o periódico fosse conhecido pelo atraso constante dos salários (LORENZOTTI, 2010), o diário foi pioneiro no país em elaborar o primeiro manual de redação. Baseado em jornais norte-americanos, o documento possuía 16 páginas; porém, muito sintético. Entre as recomendações do manual estavam ocupar o primeiro parágrafo com informações concisas, “[...] esclarecendo o maior número das seguintes perguntas relativas ao acontecimento: o quê?, quem?, onde?, como? e, por quê?” (LORENZOTTI, 2010, p. 34).

O tópico relativo ao ambiente jornalístico não se restringe apenas às atividades profissionais, mas também aos bastidores pontuais que ajudam os leitores a compreender o perfil do biografado. Clarice Lispector, que utilizou de aspectos do cotidiano para formular os romances, é uma personalidade enigmática (SANT’ANNA; COLASANTI, 2013) e livros como o *Com Clarice* ajudam a decifrá-la, ao tentar tirar a protagonista do pedestal e a horizontalizar com o público. Clarice iria falecer em 1977, durante o regime militar. No trabalho de Bertol (2001), tem-se a oportunidade de conhecer um pouco do ambiente repressivo da ditadura, imerso no espaço jornalístico através da figura do *Pasquim*. Bertol (2001) ensina que, nos primeiros 16 anos do regime autoritário, mais de 150 periódicos nasceram e fecharam – a maioria deles com caráter oposicionista. Por possuir um atributo combativo, a imprensa passou a ser conhecida como nanica ou alternativa. “Nesse contexto histórico específico da vida da nação, os alternativos tomaram para si a responsabilidade de apurar e repassar aos leitores os sérios problemas pelos quais estava passando a sociedade brasileira, frutos de um regime militar que cerceava a liberdade de expressão” (BERTOL, 2001, p. 28).

A história do jornalismo brasileiro é contada em fragmentos, através de recordações, memórias sentimentais, experiências de trabalhos. Muitas delas são de interesse restrito ao local em que o biografado viveu, mas nada menosprezado diante da importância de somar ao arcabouço histórico, os costumes, dificuldades e superações de protagonistas que ajudaram a fazer do jornalismo uma peça fundamental para a construção periódica da realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2001).

b) espaços de pertencimento:

A segunda categoria observada nas leituras dos oito livros biográficos são os “espaços de pertencimento” do biografado ao longo da história. Além do campo de atuação do jornalismo, espaço que figura como cenário das atividades do biografado e é ainda o norte da dissertação, destacam-se outras áreas que, de maneira imbricada ao jornalismo, ajudam a formar o perfil do protagonista.

O campo literário é um dos exemplos, analisados nas biografias de Clarice Lispector, Machado de Assis, Palmyra Wanderley, Tarso de Castro e Tinhorão. A política também seve de panorama às atividades do protagonista, como nas histórias de Juca Kfourri, Machado de Assis, Tarquínio e Tarso de Castro. Contudo, é curioso mencionar as atividades de sustento além do tripé jornalismo/literatura/política.

Destacam-se ainda as atividades dos biografados na sindicância, como nos livros que discorrem sobre José Mendonça e Juca Kfourri. Por fim, mas de maneira isolada – porém, não menos importante -, evidenciam-se outros espaços de atuação. Na obra de Clarice, percebe-se a amizade entre os biógrafos Sant’Anna e Colasanti (2013) e a protagonista. Durante a obra sobre José Mendonça, Friche, Guimarães e Faria (2009) mencionam à docência do jornalismo como parte integrante dos hábitos do biografado. Enquanto isso, Motta (2012) insere Tarquínio no debate racial. Por sua vez, Carvalho (2012, p. 106) associa Palmyra Wanderley aos debates feministas, já que os direitos políticos das mulheres era realizada também através dos textos literários e as práticas jornalísticas. “Aproveitando-se do seu prestígio social, pode participar e acompanhar mais de perto das mudanças que surgiram na sociedade. [...] Enquanto formadora de opinião, trouxe discussões relacionadas ao cotidiano, como por exemplo, o culto ao corpo e as campanhas feministas”.

Diante do que foi discutido neste tópico dedicado aos “espaços de pertencimento”, percebem-se múltiplos indivíduos num único ser, já que a maioria dos biografados não atuava apenas no jornalismo. A própria narrativa deixa transparecer os diversos campos em que o biografado percorre para vencer as etapas da vida. Sugere-se até que a facilidade em que o protagonista operava nos diversos espaços seja uma qualidade dele, o que o torna singular e merecedor de uma lembrança - ou homenagem - em uma biografia.

c) legado do biografado:

Entende-se como legado as contribuições dos protagonistas para o desenvolvimento do campo jornalístico. Em uma amostra que contempla oito profissionais de imprensa, com atuações em diferentes âmbitos - não apenas restrita ao jornalismo -, épocas e lugares, pode-se compreender o verdadeiro papel de cada personagem na história do jornalismo brasileiro, fato que justifica a escolha dos livros para o recorte de pesquisa.

José Mendonça foi uma figura importante para o jornalismo mineiro, principalmente por ter sido um personagem atuante em defesa da qualidade da profissão: primeiro, por ter criado e presidido o sindicato dos jornalistas mineiros; segundo, pela criação do curso de Jornalismo na UFMG. Assim, o livro é uma homenagem a essa pessoa, com tons excessivos de saudosismo. Pelo fato de parte dos autores terem sido ex-alunos, percebe-se um tom de apreço, respeito, prestígio, o que acarreta uma leitura, às vezes, cansativa, devido a maneira laudatória como a narrativa é conduzida.

A palavra de ordem que comanda a biografia de Esmeraldo Tarquínio é a resistência. Desde muito pequeno conviveu com o sentimento de invisibilidade, fato que marcaria toda a trajetória política, mas também no curto período que vivenciou o jornalismo. Na onda de resistência ao período da ditadura militar, Tarso simbolizou uma figura icônica. Caracterizados pela personificação, os periódicos classificados como imprensa alternativa assumiam as decisões daquele que os moldou (BERTOL, 2001). Com atributos plurais, além de carregar um sentimento de oposição satírica, *O Pasquim* colidiu com diversos tradições do jornalismo que era efetuado. “Além da oralidade, [...] *O Pasquim*, no período em que era editado por Tarso de Castro, também trouxe como características as entrevistas longas,

polêmicas e provocativas e o uso do palavrão na linguagem jornalística” (BERTOL, 2001, p, 64).

Com atuações mais recentes, Tinhorão e Juca Kfourri inovaram nas editorias que trabalharam ao longo dos anos dedicados à imprensa. O primeiro assumiu especificidades em cargos hoje extintos no jornalismo. Duas das funções de copidesque era de melhorar o texto, “[...] o que se fazia naquela época colocando traços sob letras que precisavam ser notadas como maiúsculas, acentuando, inserindo intertítulos; a outra forma é reescrever o texto, cortar, explicar melhor, enfim, aproveitar a informação e escrever tudo de novo” (LORENZOTI, 2010, p. 45). Ademais, Tinhorão buscou, de forma independente, a migração para os livros científicos, por meio dos estudos de música popular brasileira. Enquanto isso, Juca modernizou as pautas de revistas como *Placar* e *Playboy*, ao incutir nelas temáticas sociais, como os bastidores dos vestiários ou o uso de preservativos, respectivamente.

## 5 Considerações finais

O artigo apresentou os resultados da dissertação de mestrado, motivados pelo esforço em responder o problema da pesquisa: como os livros biográficos sobre jornalistas publicados em editoras universitárias ajudam a contar a história do jornalismo brasileiro? Para isso, levantou-se três categorias (BAUER, 2000), três elementos que pudessem contribuir na composição e preservação da história do jornalismo brasileiro: “ambiente jornalístico”, espaços de pertencimento” e “legado do biografado”.

É importante destacar a biografia como um instrumento de valorização de pessoas anônimas, cuja importância se destaca em âmbito local. Assim, o fator regional aparece como um dos primeiros aspectos observados nesta investigação. Pode-se concluir que, exceto Clarice e Machado, a grande maioria dos protagonistas das obras biográficas é intrínseco ao local de atuação e, por consequência, aos diversos espaços de pertencimentos que esses profissionais estavam ligados – o que vai ao encontro do que Bufrem (2001) defende sobre as editoras universitárias. Afinal, quem merece ser lembrado no futuro? Quem permanecerá na memória coletiva? O fato é que, por possuírem importância local e ainda, prestígio no nicho profissional, as trajetórias biográficas valorizam o passado exitoso.

Outra característica analisada é de que, em todas as oito biografias, o personagem principal é o fio condutor da história. Ou seja, as abordagens individuais auxiliam na compreensão de um contexto global. Exemplo notório foi a biografia de José Mendonça, figura importante para o jornalismo mineiro. Embora fosse advogado, Mendonça foi profissional de veículos jornalísticos; todavia iniciou num periódico católico. Ainda pertenceu ao grupo que liderou a criação do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais e foi professor fundador do curso de Jornalismo na UFMG. Diante disso, infere-se que a volatilidade do protagonista em pertencer a múltiplos espaços auxilia na compreensão do indivíduo bem como serve a uma marca contextual.

A temporalidade é outra característica identificada, já que os biógrafos preferiram não contar as histórias de vida de acordo com uma linearidade. Nos livros de Palmyra Wanderley e Tarso de Castro, por exemplo, até por serem consequências de duas dissertações, a abordagem sobre a vida dos biografados já está prevista. Portanto, o passado é recontado de forma objetiva, sem muitos detalhes. Pelo contrário, as biografias não são cronológicas – fato apenas constatado nas obras sobre Esmeraldo Tarquínio e Machado de Assis - e sim, em capítulos temáticos ou fractais, sugestão esta defendida por Pena (2004).

A biografia proporciona uma lacuna muito maior de estudos, que transporta o leitor a uma compreensão de vivências e aprendizados. Essas experiências não denotam apenas curiosidade pelo íntimo ou secreto. Como sugere Vieira (2015, p. 103), “A biografia, não apenas como gênero, mas como fenômeno, pode ser compreendida como um lugar de memória, ao superar a condição de narrativa sobre uma vida, pois uma existência é algo que não se encerra, em absoluto, em um relato”.



## Referências bibliográficas

- ADAM, Felipe. **A história do jornalismo brasileiro através das biografias de profissionais da imprensa publicadas pelas editoras universitárias (1998-2018)**, 2020. 159 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.
- ALENCAR, Carlos. **Juca Kfoury: o militante da notícia**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo Clássica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 189-217.
- BECKER, Howard S. A História de Vida e o Mosaico Científico. In: BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 101-115.
- BERTOL, Sonia. **Tarso de Castro: editor de “O Pasquim”**. Passo Fundo: UPF, 2001.
- BUFREM, Leilah Santiago. **Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para reformulação da prática**. São Paulo: Edusp; Curitiba: ComArte, 2001.
- CARVALHO, Isabel Cristine Machado de. **Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley**. Natal: EdUnp, 2012.
- FRICHE, Flávio; GUIMARÃES, Manoel Marcos; FARIA, Maria Auxiliadora de. **José Mendonça: a vida revelada**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2009.
- LORENZOTTI, Elisabeth. **Tinhorão: o legendário**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- MACIEL, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**, 2018. 310 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- MARQUES NETO, José Castilho; ROSA, Flávia Garcia. Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 331-347.
- MOTTA, Rafael. **Tarquínio: começar de novo**. São Paulo: Editora Universitária Leopoldianum, 2012.
- PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- PIZA, Daniel. **Machado de Assis: um gênio brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. **Com Clarice**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STRELOW, Aline. Jornalismo literário e cultural: perspectiva histórica. **Contracampo**, Niterói, v. 18, p. 113-134, 2008.

VIEIRA, Karine Moura. **Do fazer um saber - A construção do biografar**: O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros, 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.